

Reflexões sobre os fundamentos epistemológicos de Antonio Gramsci

Reflections on Antonio Gramsci's epistemological fundamentals

Reflexiones sobre los fundamentos epistemológicos de Antonio Gramsci

Sandra Cristina Demschinski*

 <https://orcid.org/0000-0002-9973-2767>

Resumo: Este texto objetiva, a partir de pesquisa bibliográfica, apresentar algumas reflexões sobre os fundamentos epistemológicos da teoria gramsciana, suas aproximações com o marxismo e seu compromisso com outro modo de vida. Inicialmente, discorre-se sobre alguns marcos importantes na história de vida de Antonio Gramsci e suas influências intelectuais. Em seguida, a partir da orientação da obra de Karl Marx e de Antonio Gramsci, são exibidos alguns pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético e a emergência social e política por outra hegemonia. As discussões têm alguns conceitos orientadores, tais como: “Educação”, “Estado”, “hegemonia” e “filosofia da práxis”. O referencial teórico que dá sustentação aos argumentos é o Materialismo Histórico-Dialético.

Palavras-chave: Gramsci. Materialismo Histórico-Dialético. Hegemonia. Filosofia da práxis.

Abstract: This text aims to present some reflections, from a bibliographical research, about the epistemological fundamentals of the Gramscian theory, its approaches to the Marxism and its commitment with other lifestyle. Initially some important milestones in Antonio Gramsci's life history and his intellectual influences are discussed. Then, based on Karl Marx and Antonio Gramsci's work, some assumptions from the Historical-Dialectical Materialism and the social and political emergency for other hegemony are shown. The discussions have some guiding concepts, such as: “Education”, “State”, “hegemony” and “philosophy of praxis”. The theoretical reference which sustains the arguments is the Historical-Dialectical Materialism.

Keywords: Gramsci. Historical-Dialectical Materialism. Hegemony. Philosophy of praxis.

Resumen: Este texto tiene como objetivo, a partir de investigación bibliográfica, presentar algunas reflexiones sobre los fundamentos epistemológicos de la teoría Gramsciana, sus aproximaciones al marxismo y su compromiso con otra forma de vida. Inicialmente, se discurre sobre algunos hitos importantes en la historia de vida de Antonio Gramsci y sus influencias intelectuales. En seguida, a partir de la orientación de la obra de Karl Marx y Antonio Gramsci, son exhibidos algunos supuestos del Materialismo Histórico-Dialéctico y la emergencia social y política por otra hegemonía. Las discusiones tienen algunos conceptos orientadores, tales como: “Educación”, “Estado”, “hegemonía” y “filosofía de la praxis”. El marco teórico que da sustento a los argumentos es el Materialismo Histórico-Dialéctico.

Palabras clave: Gramsci. Materialismo Histórico-Dialéctico. Hegemonía. Filosofía de la praxis.

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: <sandrademschinski@hotmail.com>. Agência financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Introdução

O homem conhece objetivamente na medida em que o conhecimento é real para todo o gênero humano *historicamente* unificado em um sistema cultural unitário.

(Antonio Gramsci).

O fragmento (GRAMSCI, 1999, p. 134, grifo do autor) que inicia a presente discussão expressa a posição epistemológica de Gramsci, visto que seu pensamento está assentado nas relações concretas entre homens. Para o autor, tais relações expressam o momento histórico vivido e apontam para a unificação da humanidade em torno de um projeto de sociedade que tenha a igualdade e a liberdade como fundamentos. Nesse sentido, o pensamento de Antonio Gramsci indica um compromisso social, político e cultural que envolve indistintamente todos os homens, não havendo conhecimento descolado da realidade na qual sofrem, produzem, reproduzem e vivem intensamente.

Pensar em uma epistemologia a partir do referencial gramsciano é antes de tudo um desafio, pois exige entrar nos labirintos da produção do pensador sardo, sem deixar de considerar as influências teóricas e o contexto social e político vivido. Nesse sentido, o pensamento e a obra gramsciana precisa ser entendida no tempo histórico de sua elaboração, de modo que as múltiplas determinações impostas pela realidade são fundamentais para a sua compreensão.

Inspirado nessas questões e a partir de estudo bibliográfico, este artigo apresenta algumas reflexões sobre a epistemologia de Gramsci, suas aproximações com o marxismo e seu compromisso com outro modo de vida. Para tanto, são indicados alguns marcos importantes da vida do pensador sardo, suas aproximações e seus avanços em relação ao pensamento marxiano e, a partir da análise de suas ideias, seu compromisso na defesa de outra hegemonia como necessária para o alcance da filosofia da práxis.

Antonio Gramsci: notas sobre sua vida, sua produção e sua epistemologia

A vida¹ de Antonio Gramsci foi profundamente marcada pelas experiências familiares e escolares, pelo ativismo político e pelo intenso trabalho intelectual. Sua produção está registrada em textos escolares, cartas trocadas com familiares e companheiros da luta política, textos jornalísticos e sistematizados em anotações realizadas durante sua prisão no período fascista na Itália. É importante ressaltar que a condução e a organização de seu pensamento é muito original, com horizonte interpretativo vinculado à realidade vivida individual e coletivamente, seja na família, nos círculos políticos ou de trabalhadores da época.

A herança deixada por Gramsci contém quantidade significativa de informações e de ramificações com escritos que adentraram a política, na história, na filosofia, na educação, na literatura, na economia, na sociologia, na arte, na religião etc. Algumas temáticas mais elaboradas e trabalhadas, outras inacabadas, em forma de anotações, como “primeiras aproximações” (SEMERARO, 2006, p. 16). Ainda na juventude, quando escrevia textos para os Jornais, afirmava que seus escritos deveriam “morrer no final do dia” e outros, especialmente aqueles escritos durante o cárcere, deveriam ter a característica de durar “para sempre”. No entanto, o que se observa é que tanto os textos de juventude quanto aqueles escritos na maturidade expressam seus interesses intelectuais e culturais, sempre vinculados a um ativo agir político.

¹ Não é objetivo deste texto desenvolver todo o contexto histórico do autor, mas algumas considerações fazem-se necessárias para compreender sua luta. Sobre essa questão, indicam-se as seguintes obras *O prisioneiro: a vida de Antonio Gramsci*, de Aurélio Lepre (2001), e *A vida de Antonio Gramsci*, de Giuseppe Fiori (1979).

Antonio Gramsci viveu duas realidades financeiras antagônicas. Nasceu em 22 de janeiro de 1891 em Ales, cidade pobre da ilha da Sardenha, Itália, região que passou a infância. Nessa época, a família do autor vivia com considerável conforto financeiro, pois Francesco, pai de Gramsci, era diretor no departamento de impostos de Ghilarza. A situação da família, que era numerosa, caiu na miséria em 1898 quando seu pai foi preso por peculato e extorsão, em razão de desfalque financeiro no escritório em que trabalhava. Giuseppina, mãe de Antonio, passou a trabalhar duramente para suprir as necessidades familiares (LEPRE, 2001).

É importante destacar que Gramsci foi acometido pelo mal de Pott aos 18 meses. Essa doença, caracterizada por tuberculose óssea, deformou sua coluna vertebral, fragilizando sua saúde para toda a vida. Contudo, a doença não impediu que Gramsci tivesse um desempenho satisfatório em seus estudos, visto que, desde cedo, se mostrou muito disciplinado e, mesmo com as dificuldades familiares, sua formação foi central no seio doméstico.

Com a necessidade de contribuir no sustento da família, aos 11 anos, o pequeno Gramsci viu-se obrigado a trabalhar no registro civil de Ghilarza. Durante o período, ele pôde observar e sentir os efeitos do antagonismo entre as classes sociais. As experiências vividas muito provavelmente influenciaram sua preocupação com a questão meridional em razão da divisão social, política e econômica italiana. Em razão das necessidades econômicas e da emergência em manter-se no trabalho, Gramsci precisou suspender as atividades escolares e, com o auxílio da família, criar estratégias de estudos em casa. Somente depois de dois anos retomou o ginásio (NOSELLA, 1992). Com 20 anos de idade, Antonio Gramsci foi contemplado com uma bolsa de estudos e partiu para Universidade Estatal de Turim, local industrial da Itália. O período vivido em Turim lhe deu a oportunidade de conviver com operários, experiência que influenciou fortemente seus pensamentos e sua prática política.

Gramsci foi um dos fundadores do partido comunista Italiano, tendo, inclusive, assumido sua direção. Em meio à conturbada realidade social e política da Europa na época, casou-se e teve dois filhos, dos quais foi privado de convívio em razão de sua prisão, ocorrida em 1926. É importante destacar que o pensador sardo viveu em uma época de muitas conturbações, período entre guerras, revolução operária e muitas reivindicações sociais (NOSELLA, 1992). A ascensão do fascismo na Itália foi marcada pela perseguição àqueles que se opunham ao regime opressor em desenvolvimento, especialmente aqueles considerados subversivos, internacionalistas e comunistas. Em um contexto marcado por muitas prisões e perseguições, mesmo tendo imunidade em razão do mandato de deputado, Gramsci foi preso em 1926 e passou encarcerado quase que o restante da sua vida, pois obteve liberdade pouco antes de sua morte em 1937 (NOSELLA, 1992).

Embora durante o processo que culminou com a sua condenação, o acusador público tenha indicado que seria preciso calar seu cérebro por 20 anos, sua produção teórica esteve muito aguçada durante o período carcerário, pois deu continuidade a uma vasta produção iniciada nos primeiros anos de juventude. A prisão dificultou e abreviou sua vida e ação política, mas, para o bem da humanidade, não impediu sua produção (MAESTRI; CANDREVA, 2007).

Na tentativa de organizar a produção gramsciana e demonstrar que os escritos foram produzidos de forma orgânica aos momentos históricos e políticos, Nosella (1992) a organizou nas seguintes etapas:

- 1º parte: Escritos durante a 1º Guerra Mundial (1914-1918);
- 2º parte: Escritos do Pós Guerra (1919-1920);
- 3º parte: Escritos durante a ascensão ao fascismo (1921-1926);
- 4º parte: Escritos do cárcere (1926-1937). (NOSELLA, 1992, p. 7).

Martins (2008, p. 165) indica a produção do autor como “fortuna crítica”, visto que seus escritos foram traduzidos para inúmeros idiomas e influenciaram debates das ciências em diferentes partes do mundo. Mesmo em condições bastante adversas, Gramsci conseguiu manter um plano de estudo e escrita que possibilitou ao mundo um mergulho às intrincadas *nuanças* das diversas áreas do conhecimento. Há, atualmente, áreas que não podem desconsiderar seu pensamento sob pena de tornarem-se bastante restritas, especialmente no campo das Ciências Sociais, Ciências Humanas e da Ciência Política.

Embora na juventude tenha recebido forte influência do idealismo croceano, Gramsci pautou sua atuação política e sua produção escrita no Materialismo Histórico-Dialético, tal qual pensado pelos “cânones da filosofia da práxis”². É importante destacar que Gramsci, ao manter-se fiel ao marxismo, também conseguiu avançar, oferecendo reflexões originais não sistematizadas anteriormente. Nesse sentido, é possível inferir que a obra gramsciana, além de reafirmar os fundamentos expressos por Marx e Engels por meio de uma interpretação cuidadosa, também oferece elementos inovadores para a compreensão e a intervenção na realidade para além de seu tempo, visto que:

Gramsci enfrenta os desafios epistemológicos e éticos políticos advindos da mudança estrutural e superestrutural da sociedade, inovando a teoria marxiana, mas sem abrir mão de seu materialismo, de seu historicismo e de sua dialética, ou melhor, sem torná-la um idealismo, uma metafísica, ou transformá-la em uma dócil “filosofia da aceitação”. (MARTINS, 2008, p. 169).

A realidade vivida pelos revolucionários no início do século XX incidiu sobre a teoria e a prática marxiana e marxista leninista de maneira a determinar-lhes como estratégia revolucionária a “guerra de movimento”. Essa estratégia privilegia como método de ação libertadora o assalto direto ao poder, tendo a força como seu elemento primordial (MARTINS, 2008).

Gramsci e os demais socialistas italianos orientaram-se por essa lógica e tentaram enfrentar a conjuntura de fragilidade política, econômica e social vivida pela Itália durante e após a Primeira Guerra. Inspirados na revolução soviética de 1917, especialmente no papel decisivo que nela tiveram os soviéticos, eles procuraram consolidar os conselhos de fábrica para instaurar a verdadeira democracia operária, base fundamental do salto a ser dado para conquistar o Estado socialista (MARTINS, 2008, p. 174).

Os conselhos de fábrica ganharam força e avançaram consideravelmente no processo de mobilização. No entanto, o avanço acabou em uma grande derrota que teve “[...] consequências teóricas e ético-políticas importantíssimas ao amadurecimento das formulações teórico-práticas de Gramsci” (MARTINS, 2008, p. 174), fazendo com que ele refletisse sobre os motivos que levaram a revolução socialista ao fracasso. Semeraro (2006, p. 42) esclarece que, “[...] na verdade foram as seguidas derrotas do movimento operário na Europa que fizeram amadurecer em Gramsci a ideia de um socialismo que não podia ser conquistado com atividades imediatistas e explosivas”. Nesse contexto, Gramsci promoveu toda uma “[...] reavaliação da situação estrutural e superestrutural, tendo como perspectiva compreender a situação concreta para promover ações que pudessem alterá-la qualitativa e quantitativamente em benefício das classes subalternas” (MARTINS, 2008, p. 176).

Segundo Martins (2008), esse processo fez com que Gramsci avançasse em suas formulações teórico-práticas, de forma a alcançar uma nova dimensão da realidade concreta e “[...] outra visão das ações e instrumentos necessários para promover uma transformação radical nas

² Em vários escritos carcerários, para burlar a censura fascista, ao se referir a Marx e Engels, Gramsci escreveu os cânones da filosofia da práxis.

relações sociais italianas” (MARTINS, 2008, p. 176). Para Gramsci, ficou claro que não se resolveria a questão de classes com lutas e enfrentamento armado contra a burguesia, visto que esta detinha o poder econômico, político e ideológico. A partir dessas constatações, floresceu a estratégia de partido, a qual está ancorada na busca pela hegemonia, aliada a um ampliado conceito de intelectual e “[...] noções que desembocam em uma caracterização bastante clara dos novos contornos do Estado e muito presente nas formulações do cárcere” (MARTINS, 2008, p. 177).

Ao observar as mudanças que vinham ocorrendo nas relações de poder até então estabelecidas, resultadas de novos complexos e contornos do Estado, Martins (2008) destaca que Gramsci aceitou o pensamento de Engels de que a realidade está em processo de transformação. Assim sendo, para que as classes subalternas tomassem o poder, os métodos revolucionários precisavam adequar-se às novas situações históricas e à nova conformação estatal.³ Nesse sentido, Gramsci desenvolveu novas estratégias para a luta em busca da superação da realidade capitalista, engendrando a “guerra de posição” como

[...] concepção que enriquece a elaboração marxiana sobre a luta social e também a ciência política contemporânea. [...]. Essa estratégia de passagem ao socialismo [...] é mantid[a] e consolidad[a] graças à atuação de diferentes aparelhos privados, que difundem para todo o coletivo social a visão de mundo da classe dominante e dirigente, tornando-a um senso bastante comum e tendente a se tornar consenso entre os diferentes grupos e classes sociais. (MARTINS, 2008, p. 182).

Com as novas exigências advindas da organização da sociedade, Gramsci promoveu uma adequação da luta política à nova realidade econômica social, validando e legitimando o embate no campo cultural e ideológico para a superação do modo de produção capitalista. Nessa perspectiva, é possível afirmar que o autor sardo se embrenhou em estratégia não aprofundada na obra marxiana, mas que a tinha como fundamento para a transformação da realidade. Desse modo, o autor se manteve fiel ao pensamento crítico, realizando as necessárias adaptações para a realidade vivida, pois a conquista do poder pela classe subalterna demandava de um processo que exigia um difícil e demorado aprendizado coletivo. Só a partir desse processo seria possível a classe subalterna tornar-se hegemônica, mesmo antes da conquista do poder.

Para chegar ao seu grau de pensamento, Gramsci não fez tábula rasa das produções acumuladas. Com reflexões sistemáticas, partiu de ricas contribuições epistemológicas marxianas, ampliando-as e adequando-as à estratégia de luta para a transformação social do seu tempo. Sobre essa questão, Martins (2008) destaca que

[...] é possível com maior facilidade e rigor constatar a existência de variadas interpretações das reflexões que o comunista italiano fez sobre as transformações sócio-históricas e culturais havidas nas sociedades ocidentais, nas formações econômicas e sociais em que o capitalismo mais se desenvolveu. No que se segue, encontrar-se-á mais uma delas, que considerará a obra gramsciana como continuadora da teoria marxista originária, ou melhor, como um materialismo histórico e dialético apto a interpretar e a orientar a intervenção da realidade vivida por Gramsci no início do século XX e na que vivemos hoje. (MARTINS, 2008, p. 169).

Gramsci foi um continuador do marxismo; dessa forma, sua epistemologia está intimamente ligada aos fundamentos propostos por Marx e Engels. Por epistemologia, entende-se o estudo do conhecimento científico, do método, critério, do funcionamento e da organização do conhecimento científico de determinado autor, e estudar epistemologia é “[...] estudar o que faz de um tipo específico de conhecimento uma forma mais segura de conhecer aspectos de nossa

³ É importante esclarecer que Marx não vivenciou essa nova caracterização de Estado, tanto é que o próprio Engels admitiu que o modo de luta pensado anteriormente precisava adequar-se diante da nova realidade.

realidade. [...] estudar epistemologia é estudar as diferenças entre vários tipos de conhecimento, como o prático, o filosófico, o religioso e o científico” (CASTAÑON, 2007, p. 14).

A epistemologia gramsciana traz valorosas contribuições acerca da compreensão e da transformação da realidade social caótica atual. Trabalhar com a concepção do Materialismo Histórico-Dialético na perspectiva gramsciana requer um envolvimento intenso do pesquisador com o objeto investigado, com os resultados alcançados e com a utilização desses resultados para alterar a realidade pré-existente. Assim sendo, a pesquisa nessa perspectiva demanda envolvimento dialético que envolve o real e o sujeito pesquisador, as suas determinações amplas e específicas, visto que a totalidade se apreende desse processo (FLACH, 2020).

Materialismo Histórico-Dialético: de Marx a Gramsci

Os problemas sociais emergentes observados e vivenciados no século XX e o contato com a teoria marxiana colaboraram para que Antonio Gramsci assumisse ativamente o método da crítica política. Essa perspectiva epistemológica colaborou para sua produção teórico-prática, de modo a moldar suas ações políticas que culminaram com sua prisão e vigília fascista de sua produção durante o período carcerário. Por isso, para compreendê-lo, é importante entender o pensamento do próprio Marx.

Karl Marx (1818-1883) foi um revolucionário que dedicou toda sua vida à compreensão da sociedade burguesa e, por meio de seu desvelamento, ele buscou contribuir para a defesa dos interesses para a classe trabalhadora. A cooperação de seu fiel companheiro Friedrich Engels foi fundamental para a sua produção, visto que este não apenas auxiliou na construção de seu edifício teórico, mas mostrou-se fundamental para a manutenção material de sua família, fato imprescindível para que seus escritos pudessem se desenvolver. Tendo iniciado sua trajetória intelectual na filosofia idealista de Hegel, desta se distanciou tecendo severas críticas ao idealismo e mostrando a necessidade de pautar a produção e a ação na realidade concreta dos seres humanos.

Para Marx (2013), a característica indispensável do homem e a base da sociedade estão no trabalho, e o processo histórico é impulsionado pelas condições materiais de existência.

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem. (MARX, 2013, p. 90).

O método proposto por Marx é uma teoria de perspectiva histórico-dialética. Dialética, porque se fundamenta no movimento, movimento do pensamento humano e do mundo no processo histórico. Define-se como um método científico, com conjunto de leis ou princípios que governam a totalidade da realidade, definindo-se como dialética ontológica. É dialética porque capta o movimento da história, caracterizando-se como uma dialética relacional (BOTTOMORE, 2013).

Assim, o método parte da realidade caótica e, a partir da análise das múltiplas determinações que a compõem, alcança um conhecimento real para produzir conhecimento. Contudo, o objetivo de Marx não era apenas a investigação, mas a transformação da organização social capitalista. O método é materialista em razão de que a produção material realizada e organizada constitui fator determinante da organização política e das representações intelectuais de uma época. Ao partir da realidade e objetivar a ela retornar com a clareza sobre os diversos determinantes que a compõem,

o método se distancia do idealismo de Hegel. No pensamento hegeliano, as contradições poderiam ser explicadas sob o nível do pensamento, cabendo ao trabalho intelectual a transformação da realidade social, pois a “[...] ideia constitui a própria realidade, na medida em que o mundo real nada mais é que a exteriorização deliberada da ideia” (ANDERY *et al.*, 1988, p. 376). A partir de embates com a teoria hegeliana, Marx iniciou uma nova forma de analisar a sociedade e a possibilidade de transformação social, anunciando o Materialismo Histórico-Dialético, com o intuito de compreender o mundo social e desvelamento do real (MASSON, 2007).

Antonio Gramsci viveu em uma época diferente da vivida por Marx (1818-1883), Engels (1820-1895) e Lênin (1870-1924); contudo, a realidade ainda se encontrava submetida à mesma égide do capital (MARTINS, 2008, p. 199). O sardo autor teve a oportunidade de vivenciar a passagem do modo de produção feudal (século XIX), ao modo de produção capitalista (século XX), no qual as formações econômicas e sociais “[...] dominadas e dirigidas pela burguesia viveram um aprofundamento da complexidade nas suas relações sociais de produção material e também no plano político-ideológico-cultural” (MARTINS, 2008, p. 170). As mudanças foram significativas, causando grandes impactos. As relações econômicas tornaram-se cada vez mais complexas em razão da hegemonia burguesa que, por meio da coerção ou do consenso, conseguiu impor determinado modo de pensamento e de vida.

Sobre a base material do mundo em transformação, ergue-se o complexo superestrutural com contornos sinuosos intrincados, contribuindo, sobretudo, na determinação das relações sociais (MARTINS, 2008). A epistemologia de Gramsci não pode ser caracterizada, portanto, como de natureza acadêmica, pois não tratava de criar modelos ideais ou constructos mentais abstratos para que a realidade se encaixasse, mas parte da apreensão do movimento do real no seu sentido mais detalhado possível, como forma de se criar condições necessárias para a realização de um tipo particular de reforma intelectual e moral (SILVA, 2011).

Com as novas características das relações sociais marcadas pela racionalização da produção e do homem nas ações coletivas e individuais; com mudanças na produção, no trabalho, na ética e nos aspectos psíquicos humanos e toda superestrutura jurídico-política e ideológica da sociedade, Gramsci procurou fundamentar sua prática ético política em análise rigorosa das transformações que estavam ocorrendo e que ele vinha vivenciando (MARTINS, 2008). Desse modo, assim como em Marx, para Gramsci, o conhecimento seria alcançado a partir da materialidade, no contato com o real. Contudo, Gramsci (1999) determinou que, antes de tudo, o pesquisador carecesse de uma compreensão crítica de si mesmo para alcançar um profundo envolvimento com a pesquisa, tanto para a investigação quanto para com os resultados obtidos e no uso desses resultados para a transformação da realidade (FLACH, 2020), pois a pesquisa nessa perspectiva é um movimento dialético, que envolve o pesquisador e o real.

Para Gramsci (1999), o Estado é responsável por essa nova maneira de organização societária, constituindo-se por um espaço de correlação de forças entre classes sociais fundantes. O Estado em Gramsci é contraditório porque, ao mesmo tempo em que garante direito, é uma instituição coerciva e opressora, e que pode ser um espaço de autodefesa do capitalismo e dos interesses burgueses, podendo ser tanto transformador como conservador (COUTINHO, 1992).

Este estudo leva também a certas determinações do conceito de Estado, que é entendido habitualmente como Sociedade política (ou até como aparato coercitivo para enquadrar a massa popular, segundo o tipo de produção e a economia de um momento dado) e não como um equilíbrio da Sociedade política com a Sociedade civil (ou hegemonia de um grupo social sobre a inteira sociedade nacional, exercida através das organizações chamadas privadas, como a igreja, os sindicatos, as escolas etc.). (GRAMSCI, 2011a, p. 264).

Ao referir-se ao Estado, Marx e Engels (2014, p. 42) colocam: “O poder político do Estado moderno nada mais é do que um comitê (*Ausschuss*) para administrar os negócios comuns de toda a classe burguesa”, pois perceberam que as “[...] ideias dominantes de uma época, sempre foram apenas as ideias da classe dominante” (MARX; ENGELS, 2014, p. 64). Nesse sentido, para Marx, o poder público detém o controle e acaba beneficiando os interesses capitalistas.

Com a força advinda do Estado, organizada em prol dos interesses capitalistas, Marx (1818-1883), que não viveu nos mesmos anos de Gramsci, mas dedicou toda a sua vida na busca da transformação da sociedade, indicou que, para que houvesse o rompimento da dominação exercida pela classe burguesa, e o proletariado alcançasse a emancipação humana, seria necessária a ação revolucionária, a qual precisa estar pautada em uma teoria social que “[...] reproduzisse idealmente o movimento real e objetivo da sociedade capitalista” (NETTO; BRAZ, 2012, p. 36).

Gramsci foi um materialista histórico-dialético, pois reafirmou a filosofia da práxis e propôs uma concepção de organização societária efetiva, a qual insere a transformação do modo de pensar das classes subjulgadas elevando-as com capacidade de autogovernar-se.

Hegemonia e filosofia da práxis

A não concordância com o modo de produção vigente na sociedade capitalista fez com que diferentes pensadores propusessem caminhos para seu rompimento. Marx apontou para a necessária revolução social que pudesse contribuir para o fenecimento do Estado e a chegada à emancipação humana. Gramsci, a partir da análise da situação ocorrida na Rússia e dos possíveis erros cometidos, indicou que a tomada do poder prescindia de uma revolução cultural, a qual poderia ser mais lenta, mas com possibilidade de tornar-se mais efetiva e duradoura, visto que a hegemonia da classe trabalhadora daria a sustentação necessária para uma outra forma de sociabilidade.

Para o pensador sardo, a hegemonia possui função pedagógica no processo de constituição ideológica das classes trabalhadoras. A direção assumida por essas classes, a superação da condição de subalternidade e a construção de um novo tipo de sociedade passa, necessariamente, por uma hegemonia organicamente alcançada na classe trabalhadora. A Hegemonia, nesse sentido, é a formação e a elevação do nível cultural e moral de uma grande massa da população que, com interesses iguais, formariam outra concepção de civilização. Pautado nesse entendimento, Gramsci desenvolveu a compreensão de que é preciso a revolução em todos os campos para que se alcance a filosofia da práxis.

É por isso que se deve chamar a atenção para o fato de que o desenvolvimento político do conceito de hegemonia representa, para além do progresso político-prático, um grande progresso filosófico, já que implica e supõe necessariamente uma unidade intelectual e uma ética adequada a uma concepção do real que superou o senso comum e tornou-se crítica, mesmo que dentro de limites ainda restritos. (GRAMSCI, 1999, p. 104).

O caráter teleológico da filosofia da práxis está no processo necessário de organizar as massas para uma reforma intelectual e moral, sendo então necessário transformar as mentalidades para a formação de consciência de classe. Por isso, o autor defendia uma educação que fornecesse os subsídios teóricos para a ação política, a qual estaria no caminho para a busca de uma nova hegemonia, mais complexa e duradoura, visto que:

A compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de “hegemonias” políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do

real. A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, a consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam. (GRAMSCI, 1999, p. 103).

Para Gramsci (*apud* SEMERARO, 2006), não há orientações revolucionárias pré-estabelecidas, porém ele não conseguia imaginar a população inteira “[...] mergulhada em uma névoa ideológica homogênea e paralisante” (SEMERARO, 2006, p. 30). Assim sendo, todos são capazes de pensar e de revoltar-se com as desigualdades sociais existentes na organização social pautada no modo de produção capitalista.

Gramsci (*apud* SEMERARO, 2006) identificou que a conquista da nova hegemonia construída pelas classes subalternas, que inauguraria uma nova forma de pensar, com progresso psicológico, moral e filosófico das massas, só seria possível com a transformação das mentalidades. Para isso, seria necessária uma revolução cultural em que se construísse uma nova subjetividade, com alcance das massas à racionalidade crítica, autônoma e criativa, compreendendo suas potencialidades como classe revolucionária. Nesse sentido, Gramsci (2001) destaca a necessidade de as massas construírem suas próprias organizações, para educar-se e educar seus próprios intelectuais orgânicos. Nesse sentido, o autor propôs a organização de uma escola “[...] que conduza o jovem até os umbrais da escolha profissional, formando-o, durante este meio tempo, como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige” (GRAMSCI, 2001, p. 49). Após esse processo, somente o Estado seria o responsável pela educação de todos, “[...] a inteira função de educação e formação das novas gerações deixa de ser privada e torna-se pública, pois somente assim ela pode abarcar todas as gerações, sem divisões de grupos ou castas” (GRAMSCI, 2001, p. 36).

A transformação da sociedade que revolucione as relações de dominação exige que a classe trabalhadora assuma o poder; contudo, antes de tudo, essa classe precisa transformar-se em dirigente. No processo de instauração de uma nova sociedade, para Gramsci (1999), o Estado não seria imediatamente extinto, mas seria organizado sob nova concepção, visto que se constituiria em um projeto ético político. Esse projeto, para alcançar outro tipo de organização, demanda um processo difícil e demorado, em que é preciso passar por desenvolvimento constitutivo da intelectualidade e da identidade da classe trabalhadora, para que esta compreenda o quão desigual é a atual sociedade e que uma forma de organização humana é possível de existir.

Para Gramsci (2007, p. 35), o marxismo tinha diante de si duas grandes tarefas: “[...] combater as ideologias modernas em sua forma mais refinada, para poder constituir o próprio grupo de intelectuais independentes, e educar as massas populares, cuja cultura era medieval”. Portanto, para que a nova hegemonia se estabeleça, é necessário elevar os subalternos à direção intelectual e moral, por meio de formação cultural e vontade coletiva. Dessa forma, os subalternos superam o senso comum e desenvolvem pensamento crítico e vislumbram a necessidade de outra organização social. Ao vincular-se à ação social e política, a proposta de Gramsci (2007) é formativa e pedagógica, visto que eleva os subalternos à centralidade das escolhas para a organização de uma nova sociedade.

Evidencia-se, por conseguinte, que a nova forma de organização social estaria intimamente ligada à transformação das mentalidades. Por isso, o sardo autor defendeu uma escola unitária, desinteressada dos interesses do capital, que possuísse equilíbrio entre o trabalho manual e o desenvolvimento das capacidades intelectuais, em que cada pessoa pudesse tornar-se dirigente. Para ele, a escola precisa ser essencialmente humanista, visto que ela tem o poder de desempenhar papel importante para a formulação de uma nova hegemonia, diferente da que comanda a sociedade, de forma a alcançar a “filosofia da práxis”.

A filosofia da práxis, ao contrário, não tende a resolver pacificamente as contradições existentes na história e na sociedade, ou, melhor, ela é a própria teoria de tais contradições; não é o instrumento de governo de grupos dominantes para obter o consentimento e exercer a hegemonia sobre as classes subalternas; é a expressão destas classes subalternas, que querem educar a si mesmas na arte de governo e que têm interesse em conhecer todas as verdades, inclusive as desagradáveis, e em evitar os enganos (impossíveis) da classe superior e, ainda mais, de si mesmas. (GRAMSCI, 1999, p. 388).

A ciência que emerge dos escritos de Gramsci tem como fundamento a “filosofia da práxis”, “[...] que só poderia se determinar subjetiva e objetivamente na medida em que fosse capaz de elevar o ser social, tanto a esfera da igual liberdade quanto da felicidade. Esferas necessárias à construção de uma ética de novo tipo” (SILVA, 2011, p. 11).

Gramsci (2011b, p. 150) esclarece que Marx foi o fundador da “filosofia da práxis”, em que nasceu “[...] sob forma de aforismos e de critérios práticos por um mero acaso, a saber, porque o seu fundador (Marx) dedicou sistematicamente as suas forças intelectuais a outros problemas, notadamente econômicos”. Contudo, “[...] nestes critérios práticos e nestes aforismos [...] está implícita toda uma concepção do mundo, uma filosofia” (GRAMSCI, 2011b, p. 150). Para a filosofia da práxis, a matéria deve ser entendida e considerada como social e historicamente organizada pela produção como “relação humana”. O discurso “filosofia da práxis” começou a aparecer na nota sobre Maquiavel, como tentativa de substituir a expressão “materialismo histórico”, para fugir da censura, já que vivia em um período fascista com muitas restrições no cárcere. Nesse sentido, Labriola considera a “filosofia da práxis” não como sinônimo do materialismo histórico, mas uma verdadeira revisão e interpretação dele como filosofia independente e original (LIGUORI; VOZA, 2017, p. 568).

Gramsci (2011b) afirma que a práxis não é um conceito novo apenas, mas carrega “um princípio teórico prático da hegemonia” e uma conotação epistemológica em que a “[...] compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de ‘hegemonias’ políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real” (GRAMSCI, 2011b, p. 103). A “filosofia da práxis” seria um “neo-humanismo”, contrária a determinismos positivistas e fatalismos materialistas, tornando-se ciência da relação entre estrutura (vontade humana) e a estrutura econômica, colocando na base da filosofia a vontade (LIGUORI; VOZA, 2017, p. 569). Nas palavras do Gramsci:

A filosofia da práxis é o coroamento de todo este movimento de reforma intelectual e moral, dialetizado no contraste entre cultura popular e alta cultura. Corresponde ao nexo Reforma Protestante + Revolução Francesa: é uma filosofia que é também uma política e uma política que é também uma filosofia. (GRAMSCI, 2007, p. 37).

Conforme a interpretação de Semeraro (2006, p. 33), a filosofia da práxis “[...] é o nexo orgânico entre as várias partes do real, o conhecimento da própria história nas suas dinâmicas, nas suas contradições e criações”. Contudo, é uma unidade dialética entre política e economia e as várias determinações. Nesse sentido, não é o ato ou o pensamento puro que cria idealisticamente as coisas, mas resultado da atividade concreta, fundada nas relações abertas, dinâmicas e dialéticas do homem com a natureza, da vontade humana com as estruturas econômicas e dos projetos políticos com as cristalizações culturais.

A filosofia da práxis expressa as contradições embutidas na história, de maneira consciente. O filósofo da práxis, “[...] não pode se evadir do atual terreno das contradições, não pode afirmar, a não ser genericamente, um mundo sem contradições, sem com isso criar imediatamente uma utopia” (GRAMSCI, 2011b, p. 205). Para Gramsci, as classes subalternas precisam expor

constantemente suas vontades e ideias, precisam elaborar a sua própria ideologia, porque a filosofia da práxis,

[...] ao contrário, não tende a resolver pacificamente as contradições existentes na história e na sociedade, ou, melhor, ela é a própria teoria de tais contradições; não é instrumento de governo de grupos dominantes para obter o consentimento e exercer a hegemonia sobre as classes subalternas; é a expressão destas classes subalternas que querem educar a si mesmas para arte do governo e têm interesse em conhecer todas as verdades, inclusive as desagradáveis, e em evitar os enganos (impossíveis) da classe superior e, ainda mais, de si mesma. (GRAMSCI, 2011b, p. 388).

Logo, para romper com o domínio da hegemonia burguesa e alcançar uma nova hegemonia, é necessário, antes de tudo, transformar mentalidades, com uma revolução cultural, em que a classe trabalhadora compreenda que há a possibilidade de serem dirigentes e dominantes, visto que se constitui como classe com o poder da revolução.

Considerações finais

Nos argumentos apresentados no transcorrer deste texto, observa-se que a realidade extremamente difícil vivida por Antonio Gramsci influenciou seus pensamentos, e o profundo conhecimento que adquiriu com os estudos dos escritos de Marx possibilitaram que avançasse em relação ao pensamento marxiano. A ferrenha criticidade e preocupação com os subalternos colocou esse grupo no centro de suas discussões políticas.

Gramsci, sempre muito dedicado e envolvido com a vida política, deixou àqueles que almejam uma sociedade mais humana uma grande herança, pois seus pensamentos e seus escritos contribuem para a reforma intelectual e moral necessária para o alcance de uma sociedade justa, igualitária e sem exploração, uma sociedade sem classes. Observa-se que o trajeto lançado por Gramsci para o alcance da filosofia da práxis é diferente do pensado por Marx. Gramsci indica que o caminho para o alcance de uma nova hegemonia é mais lento, mas o percebe como mais eficaz e de longa duração, o qual indica o investimento na transformação das mentalidades dos trabalhadores, inaugurando uma nova maneira de pensar. Talvez aqui esteja a contribuição mais fecunda do pensamento gramsciano, aquela que coloca os subalternos como sujeitos responsáveis pela transformação de mentes e de corações e, conseqüentemente, por um futuro mais humano.

Referências

ANDERY, M. A. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1988. p. 369-377.

BOTTOMORE, B. A. **Dicionário do pensamento marxista**. Edição digital. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTAÑON, G. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: EPU, 2007.

COUTINHO, C. N. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

FIORI, G. **Vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FLACH, S. F. O pensamento de Antonio Gramsci e as pesquisas sobre políticas educacionais. **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**, Ponta Grossa, v. 5, p. 1-18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/retepe.v.5.15219.009>

- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. v. 1. Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. v. 4. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- GRAMSCI, A. **Cartas do cárcere**: Antologia. Tradução Carlos Diegues. Compostela: Estaleiro Editora 2011a. Disponível em: <https://bit.ly/3jgw0Al>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. v. 1: Introdução ao estudo da filosofia – a filosofia de Benedito Croce. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.
- LEPRE, A. **O prisioneiro**: a vida de Antonio Gramsci. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LIGUORI, G.; VOZA, P. **Dicionário Gramsciano**. 1926-1937. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MAESTRI, M.; CANDREVA, L. **Antonio Gramsci**: vida e obra de um comunista revolucionário. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- MARTINS, M. F. **Marx, Gramsci e o conhecimento**: ruptura ou continuidade? Campinas: Autores Associados; Americana: Universal, 2008.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. 2. ed. Tradução Marcos Aurélio Nogueira e Leandro Konder. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2014.
- MASSON, G. Materialismo histórico e dialético: uma discussão sobre as categorias centrais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 105-114, jul./dez. 2007.
- NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia política**: uma introdução crítica. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- NOSELLA, P. **A escola de Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1992.
- SEMERARO, G. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis**. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.
- SILVA, M. L. Antonio Gramsci e as ciências sociais: a unidade de contrários como fundamento de uma nova epistemologia. *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 35., 2011, Caxambu. **Anais eletrônicos** [...]. Caxambu: ANPOCS, 2011. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-35-encontro/gt-29/gt18-25/1037-antonio-gramsci-e-as-ciencias-sociais-a-unidade-de-contrarios-como-fundamento-de-uma-nova-epistemologia/file>. Acesso em: 20 abr. 2021.

Recebido em 10/06/2021

Versão corrigida recebida em 26/06/2021

Aceito em 28/06/2021

Publicado online em 06/07/2021